

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação

Educasaúde

## Cartas - Corpos

Carina Sehn

Orientadora Profa. Dra. Paola Zordan

Porto Alegre

Janeiro de 2012.

## AGRADECIMENTO

Agradeço aos corpos-loucos, à arte da performance, às forças envolvidas, às tensões criadas, às ressignificações, às dilatações, aos corpos disponíveis, aos amantes da arte, aos artistas, aos fisiologistas, aos terapeutas corporais, ao Educa Saúde pela oportunidade, aos meus tutores e preceptores, e por fim, à desorientação cuidadosa e fundamental de Paola Zordan.

## SUMÁRIO

Jogo do Acaso .....	05
Primeira Carta	
Carta aos professores doutores, aos mestres, aos graduados, aos cuidadores dos loucos, aos artistas em geral, aos senhores formadores de opinião, aos cientistas, aos empresários, aos donos de galeria de arte, aos críticos literários, aos especialistas, aos alunos.....	06
Segunda Carta	
Carta a uma arte terapeuta .....	09
Terceira Carta	
Carta à minha professora orientadora .....	13
Quarta Carta	
Carta a uma psicóloga .....	17
Quinta Carta	
Carta à minha preceptora artista .....	21
Sexta Carta	
Carta a um médico psiquiatra .....	25
Sétima Carta	
Carta ao meu êxtimo .....	29
Oitava Carta	
Carta à Marlene Dietrich .....	34
Referências Bibliográficas .....	36

## RESUMO

Este trabalho é o resultado da conclusão do curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva e do percurso de dois anos como residente multiprofissional dentro dos serviços substitutivos ao manicômio do SUS. O lugar que ocupei dentro da saúde mental, neste período, está intimamente relacionado com alguns autores/intercessores/guias como Artaud, Nietzsche, Deleuze e Guattari, Clarice Lispector, Peter Pal Pelbart, Michael Foucault e Clarissa Alcântara, os quais me conduziram a uma escrita epistolar pela qual conversei com diferentes interlocutores sobre as relações que se estabelecem quando um corpo de artista se encontra com o corpo de uma equipe de saúde mental e com os corpos loucos que frequentam os serviços. Os destinatários das cartas são divas e agentes advindos da saúde mental e da arte. A partir desta correspondência compilada, foi possível, enfim, esboçar todo um campo de diferentes intensidades e composições possíveis em relação à loucura e à forma como nos relacionamos com ela.

Palavras-chave: Arte, Corpo, Saúde Mental, Terapias corporais, Performance.

## JOGO DO ACASO

Para ser jogado antes de ler a correspondência!

No Jogo do Acaso os participantes terão que se lançar num trajeto com obstáculos! Na primeira etapa, os participantes precisam ganhar *Saber* e, para isto, enfrentarão superfícies superpostas e atravessadas por partes visíveis e outras sonoras; é onde se pode ver e ouvir. Os participantes, nesta etapa, devem ser atravessados por estas superfícies, mas sem deixarem-se engolir por elas, apenas devem passar pelas superfícies experienciando-as com delicadeza e desapego.

Na segunda etapa, os participantes precisam ganhar *Poder* e passarão por uma zona que contem muitas forças, forças com diferentes direções e perspectivas, se trata de um emaranhado de relações, quase uma cama de gato. Nesta cama de gato, eles devem fazer o máximo de relações possíveis, atualizarem-se, mas igualmente sem se deixar enredar por nenhuma delas, apenas agenciá-las no seu próprio corpo, serem permeáveis.

Depois de ultrapassarem estes dois planos, vamos assim chamar, os participantes chegarão ao que chamaremos de plano do Fora, ou da Arte, ou da Loucura, ou da liberdade, como queiram. Neste plano, que será a terceira e última etapa do nosso percurso, encontraremos-nos na região das “singularidades selvagens”, como diria Peter Pál Pelbart no seu livro *Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura*, aqui tudo está em movimento, as forças podem embaralhar-se e causarem um “temporal abstrato”.

Neste ponto termina o jogo, chegamos enfim ao nosso destino: o *Acaso*. É aqui, no Acaso, que temos liberdade, que podemos ser mais íntimos um do outro e seguir para a leitura da correspondência. É aqui que podemos nos tornar uma força de vida mais multiversal, conectada com tudo o que a cerca, tanto com os poderes quanto com os saberes, como na obra de Foucault - em relação, como ensinam Deleuze e Guattari e, não subordinados a eles.

## PRIMEIRA CARTA

Carta aos professores doutores, aos mestres, aos graduados, aos cuidadores dos loucos, aos artistas em geral, aos senhores formadores de opinião, aos centistas, aos empresários, aos donos de galeria de arte, aos críticos literários, aos especialistas, aos alunos,

Para mim escrever é sempre remeter a alguém o que eu escrevi. Quando escrevo gosto de pensar em quem será o meu interlocutor e lerá minhas palavras fazendo-as transmutar, transvalorar, transgredirem, mudar de espaço, de lugar, de dimensão fazendo-as dilatarem, justaporem-se e criar outras fusões e possibilidades.

Partindo, então, da minha experiência de dois anos como residente multiprofissional e especializanda na Saúde Mental Coletiva dentro do Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde), decidi para melhor compartilhar esta experiência, utilizar o método de escrita epistolar.

“Epístola” vem do grego e significa ordem, mensagem. “Epistòla Ae” em Latim significa carta, mensagem escrita e assinada, por entender que aqui a minha busca não é, definitivamente, por uma conclusão e sim por um diálogo, por uma comunicação possível entre as várias áreas de conhecimento que constituem o trabalho na Saúde Mental, por uma fronteira mais líquida e fluida. Acredito que as cartas possam diluir meu pensamento, oxigená-lo a partir de um interlocutor sempre distinto. Para isto, serão diferentes destinatários, alguns do meio da Saúde Mental e outros da Arte, os quais são os meus dois lugares/espços de discussão.

Escrever cartas, criar uma correspondência com o outro me permitiu não somente discorrer sobre conceitos que me vi cercada e autores que me fizeram chegar até aqui, mas também combinar estes critérios com um estilo mais coloquial, com as minhas paixões e sensações, deixando o texto com um formalismo menos carregado e envolvendo diferentes sentidos no contato com ele. Quero poder assim, compartilhar esta experiência que vivi na Saúde Mental da forma mais espontânea e sensível possível, pois uma carta fala tanto de quem a escreve como revela também algo sobre

quem a recebe, anunciando e afirmando a intensidade do encontro entre os correspondentes. Como diz G. Bolléme, “nunca se escreve senão para viver, a fim de se fazer presente frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer”.

Ao escrever para alguém senti a necessidade de encontrar o meu coeficiente de desterritorialização, como diz Guattari desde o Capitalismo e Esquizofrenia, onde ao mesmo tempo em que me deixo levar pelo fluxo, também busco um território que não me deixe totalmente vulnerável, lançada ao mar. Este território, para mim é exatamente o encontro com um interlocutor. É neste lugar de diálogo que experiencio um lugar seguro, um corpo-lugar, é no contato com o outro que posso reconverter as tão equivocadas intenções em intensidades, podendo assim me relacionar de fato com as forças que agenciam o contato com o diferente, com o que está fora do modo predominante do pensamento racionalista ocidental.

A pergunta que se colocou então foi: de onde eu falaria? Como assinaria as cartas? Seria um personagem que as escreveria? - vocês podem imaginar que opções de personagens não me faltavam, tendo em vista que o tema da minha escrita é Loucura e Arte... no entanto, eu acabava sempre chegando a um mesmo lugar: eu nas minhas relações com os outros! Portanto, quem vos escreverá será eu mesma a partir dos encontros que tive, a partir dos agenciamentos que fiz, a partir do que me afectou e me fez mudar. Eu, diferente, desterritorializada, de alma renovada, em processo de uma nova obra de mim mesma.

Quando se fala, nem sempre se comunica e quando se comunica nem sempre se está falando alguma coisa. No entanto é sempre em direção a alguém ou a alguma coisa que nos expressamos. Muitas são as formas de utilizar as palavras e dependendo do que é que se quer falar, muitos também são os tons, as intensidades que a fala tem e os entendimentos diversos que produzem. Aqui, o desejo é que as palavras sejam quem “leva algo a outrem” e nesta tarefa elas podem recuperar a sua “dimensão sensível de coisa, gesto e matéria sonora”, para falar com Leminski. Podem inclusive desprenderem-se da coerção e ordenação específicas dos padrões acadêmicos, ou seja, lá quais forem. Pretendo, portanto, conduzi-los a uma leitura mais livre, mais aconchegante e aproximada da experiência que eu vivi nesta residência e especialização.

Convoco-lhes para que se deixem levar, entrar na cena comigo e ouvirem os sons, gritos e murmúrios das palavras que utilizarei. A minha intenção é conseguir esboçar

que a loucura não tem sentido oculto, para citar Peter Pal Pelbart, “ela tem reserva de sentido, o que deve ser entendido de forma particular: não como provisão, estoque resguardado à espera de um decifrador, mas como retenção e suspensão do sentido, como criação de um vazio onde possa se alojar não um, mas vários e diferentes sentidos”. A loucura cria novas línguas e linguagens todo o tempo. A todo o instante produz-se novos enunciados e cria-se códigos por vezes efêmeros e indecifráveis ao homem racionalizante ocidental. A loucura propõe um jogo a quem se aproxima dela, “ainda que este jogo só esteja ali para demonstrar o quanto ele poderia ser outro, o quanto ele próprio, na sua forma passageira, é fruto do Acaso que ele deixa entrever”, diz Peter Pál Pelbart em seu livro *Da Clausura do Fora Ao Fora da Clausura*.

É um jogo que também eu proponho aqui, um jogo que se dá na fronteira entre Saúde Mental e a Arte da Performance/do corpo. Para isto, utilizei como conteúdo fundamental das cartas os campos de prática propostos pela Residência, a saber: Caps II, Capsi, Caps AD e Residencial Terapêutico - todos eles serviços do SUS. Escrevo sobre por esta relação Arte e Loucura por considerar absolutamente estreito o limite entre elas e para demonstrar que a Arte deve estar na Saúde Mental, deve poder contribuir para uma proximidade com a loucura seja ela qual for e em qual nível for, mas desde que seja! Desde que aconteça no corpo, que seja possível de se viver. Onde eu cheguei com tudo isto? Verdadeiramente eu não gostaria de falar nada de antemão, gostaria de convidá-los a jogar comigo e guardar qualquer tipo de resultado como surpresa para o final, para que este final, se é que existirá um final, seja primeiramente vivido, que ele possa atravessar o corpo de quem lê as cartas e só depois disto possa então expressar o que de fato sentiu.

Espero que as cartas possam diminuir as distâncias entre nós!

Carina.



## SEGUNDA CARTA

### Carta a uma Arte Terapeuta

Minha cara,

Por aqui o frio só não é maior porque acendi a lareira hoje. O mar está agitado e o vento é cortante na beira da praia. Como estão os dias por aí? E como vão tuas mãos? Ainda segues tocando o que chamavam de oficina de criatividade? Pelo o que entendi, em tua última carta, irás escrever um projeto de arte e saúde mental para o hospital psiquiátrico, é isto mesmo? Fiquei curiosa e surpresa! Penso que seria útil nos encontrarmos para conversar sobre a relação da arte com a saúde mental e eu, de uma vez por todas, te contar sobre o que venho desenvolvendo em mim e no meu trabalho de atriz-performer o contato com a loucura, ou melhor, a partir da escuta de quem é considerado louco. Ando acariciando riscos e devolvendo o meu corpo a ele mesmo.

Como sabes venho trabalhando no Caps, desde o ano passado e faz pouco que também iniciei um trabalho em um Residencial Terapêutico. No nosso último encontro te contei que venho utilizando princípios do teatro e da performance como ferramenta de trabalho, mas não me pareceu que tenha ficado claro para ti ao quê de fato eu estava me referindo, então decidi clarear alguns pontos importantes para seguirmos nosso diálogo.

Não estou falando aqui de teatro e performance terapêuticos! Ainda mais o terapêutico nos moldes atuais onde o sujeito dentro de uma sala fechada com zero de relação com o mundo, fala ao seu terapeuta até este, encontrar os ‘sintomas da sua patologia’. Estou falando de teatro e de performance em si, estou falando de arte!

Não concebo um trabalho em saúde que não entre em relação com a vida de quem se está acompanhando, com o que atravessa a pessoa, o seu corpo política e afetivamente. Por isto, me parece inviável realizar um trabalho de arte dentro de uma instituição total como o manicômio, tendo em vista que ali não se acessa a cultura e nem a realidade de qualquer uma daquelas pessoas que ali estão morrendo! Entre aquelas paredes condicionantes da vida, não se toca o coração de ninguém! Se congela o coração!

As tecnologias que ainda hoje são utilizadas dentro dos serviços de saúde mental, mesmo os substitutivos, são um tanto enclausurantes e muitas vezes pouco implicadas nas vidas que supostamente estão sendo ali naquele espaço cuidadas. O homem, dentro de uma lógica biologizante, é diagnosticado e enquadrado dentro de um código médico, o qual pode funcionar quando se trata de um quadro clínico e que tem sim alguns parâmetros e níveis de açúcar bem definidos, agora quando se trata de uma vida é muito arriscado dizermos que ele é algo e somente aquilo!

Ninguém é louco o tempo todo! Não podemos esquecer que a sociedade é que cria os seus loucos! Gosto muito de Foucault no seu livro *a História da Loucura*, quando ele diz que “o louco sob a análise racional da ciência vai ser sempre *isto* quando é exatamente *aquilo*! E segue: no século XVIII, na medida em que não sabemos onde começa a loucura, esta passa a ser absorvida como uma presença difusa, sem signos manifestos, está presente em toda a parte, mas nunca naquilo que a faz ser o que é”.

Portanto, dentro de uma sociedade habituada a cultivar séries identificatórias, onde os sujeitos habitam identidades, passou-se a utilizar a figura do louco como sendo o grande depositário das marcas irrecusáveis da loucura, de todas as frustrações de um homem crucificado pela culpa, mesmo a loucura sendo este “objeto” inclassificável e escuso. O louco então é excluído assim que é identificado pela gorda saúde dominante. É amarrado e apagado aos poucos, pois toda a sua potência de vida é barrada, no momento em que ele é louco, em que deixa aparecer o seu traço assignificante, o que segundo Deleuze seriam traços irracionais, involuntários, ao acaso, acidentais e livres.

No seu livro *Van Gogh: o suicídio pela sociedade*, Antonin Artaud, que é meu guia e guru dentro da saúde mental, diz em seus escritos “assim, a sociedade mandou estrangular nos seus manicômios todos aqueles dos quais queria desembaraçar-se ou defender-se porque se recusavam a serem cúmplices em algumas imensas sujeiras”.

A sociedade acostumou-se a aprisionar o espontâneo, acomodar-se em clichês perceptivos e a consumir crenças. Fazemos o que aprendemos a identificar como sendo o padrão e o repetimos a todo o instante. Automatizando os nossos hábitos e ao final o nosso corpo. Não há variação e sim monotonia diária. Não há reinvenção, e sim repetição e regras. Não se faz arte e sim, se representa a vida. Pensando na representação aqui como algo que oferece pouca margem para a criação, portanto, pouca liberdade!

A medicina patrocinada pela indústria farmacêutica seda e impregna o corpo do louco e tendo em vista que o corpo é nosso único bem real, o único bem que não temos que pagar ao estado; podemos dizer então que também o corpo do louco é confiscado e que a sua realidade é sintomatizada.

Conheci uma mulher egressa do manicômio que se diz ‘*crônica*’, inclusive seus sonhos ela diz que são crônicos, porque são sempre os mesmos. Neste dia ela referia ter sonhado com o corpo todo ensanguentado... Pergunto-te: que saúde é esta que não liberta a vida? Que é ressentida e ortodoxa? Que congela o que é fluido? Temos que concordar: o julgamento é sempre definitivo!

A arte trabalha na direção da liberdade, pois liberta as forças vitais, bem sabes! Deixa possível a crítica sobre o próprio corpo, ao tocar com delicadeza no que está rígido é capaz de provocar blocos de sensações que podem romper com as estruturadas congeladas da razão idealista, com o que Deleuze e Guattari no seu livro *O que é Filosofia* mostram ser a morte da Arte.

A Arte é enfim um estojo de possíveis e não um estoque de provisões, como diz Rosane Preciosa no seu *Rumores Discretos da Subjetividade*. A arte acontece na vida e a vida acontece no corpo. No corpo-lugar. Como está o teu corpo? Existe uma parte dele que mexes muito? Qual a parte dele que nunca mexes? Tu sentes alguma dor no corpo? Respiras naturalmente?

Na performance, o artista é a obra. Seu corpo é seu objeto de arte. A performance, como diz Guillermo Gomez Peña, “começa pela nossa pele e músculos, projeta-se na esfera social e regressa através da nossa psique ao nosso corpo e sistema sanguíneo”, e ele segue: “o artista de performance tem nos lunáticos, nos loucos e bêbados seus irmãos na terra, sendo que a única diferença que há é que o performer consegue nadar nas águas em que eles afundam.”

Eu, enquanto artista dentro da Saúde Mental, sei que é somente de mãos dadas com a Arte, que poderei também pegar na mão do louco. É a partir do nosso encontro que novos agenciamentos serão possíveis e somente assim poderemos de fato produzir efeito em quem cuidamos e poder quem sabe reinventar a nossa própria linguagem enquanto artista. O verbo tem que pegar delírio, segundo Manoel de Barros no seu *Livro das Ignorâncias* e, não morrer tendo dito somente palavras prontas!

A vida não pode deixar de ser exercida, caso contrário não é vida e somente uma tortura e um espezinhamento. Temos que de uma vez por todas poder, enquanto

profissionais que vêm da Arte, abrir caminho dentro do manicômio, dentro da reforma psiquiátrica e romper/installar um espaço para que outro enunciado seja possível! Para que o corpo possa mostrar como é e o que sente. Pode-se gritar porque se tem o direito ao grito, já dizia Clarice Lispector no seu romance *Água Viva*.

Precisamos resistir à transcendência, porque Deus não tirará ninguém do manicômio! A arte não só pode como deve intervir - ela deseja, ela não está aprisionada e nem deve satisfação a nenhum patrocinador perverso.

A Arte pede para que cuidemos da loucura, da nossa própria loucura, porque reconhece nela a possibilidade de transformação, de uma nova produção da realidade, de um corpo vibrátil, como diz Suely Rolnik em suas *Cartografias Sentimentais*, conectado com a sua estética da existência, para trazer Michel Foucault.

A arte é a liberação da vida e precisa produzir contágio, precisa contaminar, é por isso que te escrevo para te contaminar e dizer o quanto eu espero que teu próximo projeto não seja dentro do hospital e sim fora dele. Para que tu também não te prendas e não colabore com esta saúde mental retrógrada e fraca que pensa uma terapêutica sem movimento, sem abertura, que se fecha em salas pequenas e chaveia as portas. Que não percebe que mesmo um diagnóstico já uma pequena morte!

Para concluir, te conto que um dia eu perguntei para a Ercy – uma das moradoras do Residencial Terapêutico que trabalho e egressa do hospital onde morou por 20 anos: Quem é louco, Ercy? E ela me respondeu, sem pensar: Ninguém é louco, mãe, ninguém é louco!

Mande-me notícias. Desejo-te caminhadas matinais e bergamotas colhidas do pé, bem doces!

Com carinho, C.

## TERCEIRA CARTA

### Carta à minha professora doutora orientadora

Cara Orientadora,

Conto-te que sinto como se me encontrasse no momento antes de embarcar para uma viagem a um lugar distante, e tudo começa a ficar mais claro, ainda mais quando se está ali - a espera do ônibus! Ainda mais quando se perde a coisa vista por tanto tempo. O que está entre o objeto de pesquisa e o meu olhar? Manter a distância certa? O espaço da criação. A sobriedade da loucura. Penso que a tendência que temos ao medo, acaba quando se sente o medo. Não, eu não gosto dos espíritos obscuros e das janelas sujas com grades, dessas que escondem algo precioso dentro. Algo que ainda não foi devidamente reconhecido e desejado. Ah, vida engraçada quando vem o sol e as janelas são abertas! O que era pérola antes se transforma em limo, em pedra preta dessas de lago, dessas que quando se pisa, se resvala e cai de bunda...! Da janela do ônibus em movimento não tenho medo e nem alucinação, estou certa de que já sei saltar sobre a pedra com limo.

Tenho muito a falar-te. Muitas considerações se aglomeram dentro de mim a cada vez que eu leio um livro, que ouço música, que encontro a Ercy (moradora que estou acompanhando lá no Residencial Terapêutico Morada São Pedro). Sou toda possível neste momento! Toda devir! Leio um livro sobre corpo e diferentes técnicas para melhorar a minha consciência sobre ele, pois em circunstâncias cotidianas as pessoas não costumam prestar atenção às suas sensações corporais e só o fazem em situações de urgência como uma intensa dor ou um intenso prazer. Pretendo me dedicar cada vez mais ao estudo e formação de diferentes técnicas que auxiliem para uma melhor consciência de si e do corpo, dentre elas está a Eutonia, que me dedico agora e que foi preconizada pela alemã Gerda Alexander, a qual trabalha o tônus corporal - responsável por todo o comportamento do corpo, suas atitudes e posturas, tanto no movimento quando no descanso e para termos a real noção dele se faz necessário entendermos bem

da nossa constituição: da nossa pele, dos nossos ossos, dos espaços entre as articulações, etc.

A pele é um órgão de conexão e de fronteira, ela faz uma conexão entre o mundo interno e externo e um dos recursos que se utiliza no trabalho de Eutonia é o *Repousser*, que nada mais é do que o movimento de empurrar uma parte do corpo na direção de uma superfície dura ou que simplesmente produza atrito, fazendo valer a lei física da ação e reação. No momento em que se produz uma força na direção de outra força esta força também produz força sobre a anterior. Quando faço este exercício, posso sentir os micromovimentos, os microestiramentos e os deslizamentos ósseos que ocorrem no meu corpo. Isto contribui para obter-se o “estado de presença”, termo que utilizamos no Teatro ao referir o trabalho do ator antes de entrar em cena. Um ator precisa estar consciente da sua vitalidade, do seu tônus, para falar aos outros homens como ele! Pois no teatro o homem está na frente do homem! Assim também um profissional da Saúde Mental precisa saber do seu corpo para cuidar de outros corpos!

Ferreira Gullar uma vez escreveu: “você é seu corpo, sua voz e seu osso, você é o seu cheiro e o cheiro do outro...”. Portanto, o contato com o outro, em qualquer situação, também produz consciência de nós mesmos. Consciência de que podemos produzir em nossas relações diferentes sensações como por exemplo: dor, ressentimento, má consciência, alegria e felicidade. O trabalho na saúde mental me faz estar em contato com a loucura, com o corpo-louco, com o outro que também sou eu.

Enquanto artista eu sinto muita vontade de estar perto de quem foi excluído algum dia e poder ouvi-lo falar de si, contar a sua história e a ter mais crítica em relação ao seu próprio corpo. Tenho encontrado muitos corpos: santos, loucos, mortos, medicados, inchados, esvaziados, que mexem as mãos e a boca sem parar, que vivem um dia após o outro conforme um bom rebanho de ovelhas faz! Todas estas visões começam a causar em mim muito espanto e mal estar.

Vendo assim de fora, passando pelos serviços substitutivos da Saúde Mental, observando apenas; a sensação que dá é obscura e dolorida. No entanto, como diz Artaud belamente no seu livro *Van Gogh: o suicidado pela sociedade*: “debaixo da pele o corpo é uma fábrica a ferver, e o doente brilha, reluz com todos os poros estilhaçados”, e eu quero me aproximar dele, reconhecer seu cheiro, estar lado a lado com o que me estimula tanto assim, e isso é que tenho buscado fazer: me aproximar de cada um dos usuários da Saúde Mental que eu encontro pelo caminho, fazer um

*repousser* com cada um deles. Tocar com o meu corpo o corpo deles, encontrá-los, de fato. Sentir a vibração de cada parte do seu corpo cheio de modificações, sem tónus. Poder devolver um pouco de “presença” àquelas falas, faltas, ausências e silêncios que os corpos contêm. Ser, para eles, o estímulo que eles são para mim! Afetar-me e poder afetar - esta é uma potente certeza em mim!

Lembro sempre da carta de Artaud para Genica Athanasiou, atriz e seu amor de tempos, onde ele absolutamente descontente com uma carta que havia recebido dela lhe disse que não mais o visse se não o suportava! Mas, se ela o visse, deveria amainar um pouco o ardor e a agitação da sua mente! Artaud, pede a Genica, um outro entendimento sobre a sua situação, sobre as dores que sentia, sobre o seu uso de ópio para amenizar-lhe a existência... Pede para que ela se desfaça minimamente das suas pré-concepções, dos seus excessos de padrões, para que se deixe atravessar mais na hora de entrar em relação com ele.

Volto novamente ao corpo na hora do contato, onde a força que produzimos em relação ao outro corpo, força que pode induzir, incitar, desviar, facilitar ou limitar e aí que o pensamento entra como estratégia, como ação, como processo de subjetivação! E não estou falando aqui de sujeito, mas da constituição de modos de existência ou, seguindo o que Nietzsche nos deixou, de uma invenção das possibilidades de vida! A existência vista e vivida não como sujeito, mas como obra de arte, a partir de um pensamento-artista, de um pensamento-criação. Poder se desvencilhar desta atual “subjetividade privatizada” e normalizada pelo capital e pelo consumo, os quais tentam nos convencer diariamente que podemos comprar modos de vida a partir de objetos...

Esta vida institucionalizada que me produz cóleras! Este medo constante que só se alivia no consumo: compre um carro novo que você não morrerá mais no trânsito, e por aí seguimos enganados e enganando! Excluindo e classificando! Afinal, até interpretar a loucura tentamos! Logo a loucura, logo o que está em todos nós! O que não é um bom costume deve ser amarrado e domesticado, como os animais que insistimos em domesticar cada dia mais! Até quando vamos colocar os nossos bebês dentro de caixas de sapato para que não cresçam mais do que o desejado, para que não se expandem e sejam apenas! Isso é o que de fato me angustia e entristece: ver o humano sendo institucionalizado, e contido dentro de parâmetros moralistas e ...! Ontem a Ercy me disse que racharam o côco dela! E enquanto falava isto apontava para a sua boca sem dentes! Quase chorei... abracei ela, bem forte!

Quero poder contribuir para que o diagnóstico na Saúde Mental possa ser aos poucos substituído por um olhar de cuidado, por um olhar mais politizado onde se reconheça que tudo que se mexe, que se dobra, que tem vida, possui uma história, possui relações que o engendram e o oferecem fronteiras. Cada homem tem uma casa única: o seu próprio corpo e que nesta casa nenhuma grade o separa do resto do mundo!

Quero que a Arte entre em contato, contamine os profissionais da Saúde Mental, contagie seus pensamentos e ações e os leve para mais perto do louco, para um lugar diferente do que se encontra hoje ainda um tanto reclusa dentro das suas técnicas e institucionalizadas.

O homem é um ser múltiplo, político, cheios de engrenagens, dobras, e é bem aqui, nas dobras que se cruzam as oposições – para que elas possam formar um ângulo que lhes permita balançarem, que lhes permita serem um pouco menos condicionadas. Somos coletivos , não é? \*\*\*\*\*

... quero a polissemia de cada dia: eu fui como imaginavam que eu fosse. eu não sou como imaginam que eu sou. eu nunca quis ter o que eles acham que eu tenho. eu tenho o que ninguém suspeita que eu tenha. eu sou o eu menos igual que eles conhecem. eu sou o meu duplo eu. eu sou o meu eu ao avesso do eu. eu sou ele. ele é eu. eu sou o david bowie? eu sou o meu eu. o eu mais eu que eu consigo ser. sendo eu.

Tenho mais duas cartas impressas para rabiscares com teus apontamentos os meus devires. Obrigada por existires!

Muito afetuosamente, tua orientanda.



## QUARTA CARTA

### Carta a uma psicóloga do SUS

Penso muito sobre autonomia ultimamente, nessa autonomia pretendida e tão não experimentada nos serviços de saúde mental. Aliás o que é que se experimenta quando falamos em práticas clínicas atuais? Experimenta algo? Consegue-se extrair da loucura a vida que ela tem? Pode-se sentir a vontade de potência das relações ali envolvidas? Artaud, quando escreve a sua “carta ao papa” diz: “Em nome da Pátria, em nome da família, você promove a venda das almas e a livre trituração dos corpos...”, em contrapartida eu, aqui, te proponho pensar sobre isto: em nome de quê praticas tua clínica? Quais as intensidades e fluxos que emergem no teu corpo e na tua ética quando estás com o teu paciente/SUSuário? As tuas ações te afectam, te oferecem sentido para agires? Penso em clínica e me lembro da nossa última conversa onde tu com uma expressão de absoluto desânimo e desesperança me dissestes que a clínica oferece muitos limites...! Eu fiquei com vontade de te perguntar qual era o tipo de clínica que te referias, no entanto, entrou outra pessoa na sala e não seguimos o assunto. Por isto te escrevo agora, para continuarmos exatamente deste ponto: de qual clínica estamos falando?

Primeiro vamos deixar claro que aqui eu não falarei por mim somente, mas falarei a partir de um ponto de vista e ele está associado a uma série de engendramentos que me colocam nesta posição, que marcam a minha história de vida até este ponto e a forma como eu vim parar aqui em frente a estas palavras. Falo de uma experiência individual, a qual supõe um meio aonde ela se concretiza, de um meio específico ou de um meio institucional e ético que a faça existir. Pois, o Ser e a sua relação com o mundo é o que faz com que ele de fato exista! Ninguém existe sem ter relação! Tendo em vista que respiramos já estamos nos relacionando e, esta para mim se trata da nossa mais fundamental relação - com o nosso próprio corpo.

Quem não possui uma envergadura interior suficiente para acolher e elaborar os seus afetos, como sinaliza Alfredo Naffah Neto no seu livro *Outre'em-mim*, tem muito medo do outro, tem verdadeira aversão ao que lhe é diferente, ao que se lhe apresenta

utilizando linguagens e formas distintas. Quando temos medo não somos dignos do que nos acontece, como bem diz Nietzsche, pois qual é a vida que pode ser oferecida a quem desvia de tudo o que lhe acontece ou poderia acontecer? O próprio homem aprendeu a aprisionar a vida dentro de si, pois busca fixá-la em uma fisionomia real, dentro dos padrões da sociedade e com isto, desvia da vida necessariamente, a qual é fluidamente intensa e múltipla, a qual agencia encontros, se afeta de alegria e faz do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, mas que multiplica sua potência a partir de todos seus órgãos e sentidos, permitindo um constante movimento dos pensamentos, não mais somente os conscientes, mas de toda a ordem. Tudo que é vivo, que tem vida, possui movimento, está em movimento!

Produzimos diariamente espaços com grades e paredes para nos escondermos e isto ocorre desde o período clássico, onde o homem passa a balizar sua conduta e existência pela, como chama Nietzsche, a “tão boa moralidade dos costumes”. O homem passou a perder a consciência do próprio corpo e trancafiou-se dentro do que estabeleceu como sociedade e cegou, em prol dela, para si mesmo, para o seu corpo, para os seus sentidos. Deleuze, no seu livro *Diálogos*, inspirado em Spinoza que traz o exemplo do carrapato, diz ele: *“veja o carrapato, admire esse animal, ele se define por três afetos, é tudo o que ele é capaz em função das relações das quais é composto, um mundo tripolar e é só! A luz o afeta, e ele se iça até a ponta de um ramo. O odor de um mamífero o afeta, e ele se deixa cair sobre ele. Os pêlos o incomodam, e ele procura um lugar desprovido de pêlos para se enfiar sob a pele e sugar o sangue quente. Cego e surdo, o carrapato tem apenas três afetos na floresta imensa, e o resto do tempo pode dormir anos a fio esperando o encontro. Que potência, entretanto!”*

Pois eu me pergunto: quais as potências que o homem contemporâneo se permite exteriorizar? Do que é que ele se alimenta? Quantas chaves você carrega diariamente na sua bolsa? De quantos desejos abrimos mão diariamente afim de, mantermo-nos dentro da lógica capitalística e das normas da sociedade? Quantas doenças ainda a gorda saúde dominante criará para que se precise de mais tratamentos invasivos? Quantos remédios são necessários para que toda a nossa plasticidade interna seja apaziguada e simplificada até o ponto em que nos tornemos homens calculáveis e etiquetados por preconceitos democratizantes?

Penso que aqui pode estar localizado o limite da nossa clínica – na própria incapacidade dos profissionais da saúde mental, em livrarem-se eles próprios da camisa

de força social que habitam, da lógica ascética que cura, da paranóia da falta, da dívida com o que é justo e bom, com o “caráter sagrado do dever”.

Precisamos permitir que os sentidos façam a crítica da razão para que possa haver um encontro no setting terapêutico, seja ele na rua ou dentro de algum prédio com paredes. A atenção à saúde não pode tratar-se apenas de consumo de produtos de saúde! O diagnóstico é um encarceramento da sensibilidade, é uma prisão dos sentidos, uma ingênua limitação da loucura, uma pequena morte já! Todas as classificações da loucura com o passar dos anos sofrem alterações, pois de fato não se tratam das mesmas loucuras! Temos uma clínica que se fixou em certos modos de proceder baseados em teorias e determinações que devem ser repensadas, revisitadas e reposicionadas a todo o momento. O louco de hoje não é nem nunca será o louco de ontem! Aliás, somos todos um pouco loucos, mas não somos necessariamente doentes!

Para a doença existe a medicina, mas para a loucura precisamos de muitas outras ferramentas, pois ela é complexa demais para os diagnósticos e prescrições biomédicos - ela é rarefeita, sombria, cheia de nuances, agenciamentos e forças. Ela possui como diz Deleuze no seu livro *Lógica da Sensação*, traços assignificantes (traços de sensação, livres, involuntários, ao acaso), é heterogênea, tem fluxo, possui o que Guattari chama de agenciamentos coletivos de enunciação; é inconsciente, transborda, transforma-se, desterritorializa, é intensiva, se afeta a partir da existência e muda seus códigos com a experimentação de si.

Afirmo que o limite desta clínica pré-determinada está na recusa de novos aliados, de outros modos de pensar a loucura e a doença mental, está em se manter escondido atrás de paredes com certificados pregados às paredes. Aliás, pregos são comuns em falas já cristalizadas num discurso vencido! A Arte é uma ferramenta dentro dos nossos serviços, pois ela, assim como a loucura, não tem limites para existir! Ela não se conecta com os ideais ascéticos da sociedade, bem pelo contrário, se permite viver intensamente o seu corpo e sua alma, não precisando para isto de preceitos morais e preconceitos democratizados. Arte e loucura produzem rupturas e descontinuidades, espaços entre as palavras e os diferentes tipo de corpos.

Enquanto essa conexão ainda não for reconhecida dentro dos serviços de saúde mental, os quais se mantêm com o quadro de funcionários restrito nas áreas e sub-áreas ditas da saúde mental, seguiremos cheios de limites na clínica, penaremos na mão das leis e determinações do Ministério Público, na mão dos sindicatos médicos e claro, na

mão da indústria farmacêutica, a qual controla todas as agonias do corpo, dopando-o, deixando-o em silêncio, estancando as suas possibilidades de reinvenção de si, matando assim, aos poucos, toda a possibilidade de vida e de liberdade que a loucura nos oferece e pode ensinar!

Espero que esta carta seja apenas o início da nossa produção de pensamento acerca das estratégias que podemos desenvolver na Oficina de Expressão que felizmente me convidas para coordenar contigo no CAPS. Fico muito feliz que tenhas o discernimento da amplitude que somos trabalhando juntas.

Com carinho, tua parceira artista,

Carina.

## QUINTA CARTA

### Carta à minha preceptora artista

O homem vive trancado, o homem deve ao governo do estado, do país, aos serviços prestados pelas empresas, o homem cheira mal, come, fode, emagrece, vira pó, mata o outro homem e também pode enlouquecer! O que é o louco? Quem é louco? Quem era louco no tempo das cavernas? Na Grécia Antiga, o louco tinha um saber divino; na Idade Média estava possuído pelo Diabo e isto era patológico já; na Renascença (séc.XV e XVI) era uma nova forma de sinistro: o insano, o qual atraía e repelia ao mesmo tempo. Na Idade Moderna o homem expande seus conhecimentos e por isto mesmo entra em dúvida do que irá encontrar: Hamlet de Shakespeare é um exemplo claro deste período: depois de ver e ouvir o fantasma de seu pai fica entre a cruz e a espada literalmente quando decide vingar a morte do falecido contra a sua própria mãe e seu amante. Hamlet vive entre a perturbação e a lucidez...

Foi quando no século XVI e XVII o homem se torna o centro do mundo e se torna um ser calculável, um homem que, segundo Descartes, pensa e que, portanto, existe! Ora então o ser que pensa é o único que existe? A existência passa a ser então preconcebida pelo pensamento. O homem passa a conquistar o poder de enunciar verdades, e em contrapartida toda a sua existência passa a estar sob julgamento da tão equivocada: Justiça! Esta mesma Justiça que com violência e sangue passou a garantir ao homem aristocrata a sua superioridade diante do plebeu, que constituiu uma sociedade baseada em preceitos morais e falsos slogans! No entanto, as idéias não são justas, são apenas idéias, afirma Deleuze no seu *Diálogos*. Neste momento exato em que te escrevo, preceptora, penso em quantos já morreram em prol do que é justo... e, afinal, que diabos significa “ser justo”? O homem moderno habita identidades: o Eu credor e o outro, devedor. O nobre e bom; o pobre e mal; o louco e o são – não passam de máquinas binárias de representação, como definem Deleuze e Guattari nos seus *Mil Platôs*.

Gosto muito também do que diz Nietzsche no seu livro a *Genealogia da Moral*, “enquanto toda a moral aristocrática nasce de uma triunfante afirmação de si mesma, a moral dos escravos opõe um “não” a tudo o que não é seu, a um de outro modo, a um não ele mesmo; esse “não” é seu ato criador.” Vale lembrar aqui que criador para Nietzsche, é o que contém *vontade de potência*, o que carrega um conjunto de forças impessoais, anônimas, sempre em luta, envolvidas em movimentos de expansão, exaltação, apropriação, transmutação, operando uma contínua destruição e criação de formas. Segundo Deleuze, trata-se de um *poder criador*: criador da vida, criador de mundo, criador de singularidades e, portanto, de novos valores.

Poderíamos abrir aqui uma linha de fuga para ampliarmos o nosso olhar até encontrarmos quem me conduziu a este lugar, para mais perto da loucura/do louco e anima-me todos os dias a colocar em prática a relação do meu trabalho de artista com a problemática da Saúde Mental – foi Artaud, minha cara, Antonin Artaud! Este homem, ator, escritor, doente de meningite, convulsivo, esquizo, criador; pleno de cólera e de indignação, que respirava ora mal, ora bem e ritualizava a sua existência. Que não se contentou nunca com o que estava dado, pois sabia que nada permanece igual. Mesmo o passado é sempre diferente, tendo em vista que mudam os afetos sobre este passado. Artaud sabia, portanto, que não poderíamos nos deixar levar pelo protagonismo médico na atenção à Saúde Mental, pois se até então era a medicina que ditava as regras em relação aos doentes, pudéssemos a partir de determinado momento mudar a compreensão e chegarmos a outras conclusões! Artaud, no seu livro *Van Gogh: o suicidado pela sociedade*, questiona muito a atuação dos médicos psiquiatras e suas crenças “(...) diante da lucidez de Van Gogh em ação, a psiquiatria fica reduzida a um grupo de gorilas realmente obsessivos e perseguidos, que somente dispõe, para mitigar os mais espantosos estados de angústias e opressão humana, de uma ridícula terminologia, digno produto dos seus cérebros viciados.” Para mim, é estranho como os médicos às vezes agem como se a loucura fosse contagiosa... !

A vontade de Arte de Artaud, o fez sempre falar, gritar, para poder ser ouvido mesmo que já tivesse sido diagnosticado louco e por isso viver quase dez anos dentro de um hospital psiquiátrico. Ele sentiu na pele o quanto a sociedade prefere amordaçar todos aqueles que não comungam do que é, por ela considerado, justo e bom: “ela prende os que se recusam a serem cúmplices de certas imensas porcarias”.

Artaud foi quem me ensinou que a loucura contém algo que não é para todos! Contém uma lucidez para além da vida, a qual ultrapassa o plano da normalidade e é isto que o homem comum quer exterminar – a lucidez da loucura! Pois o homem comum tem medo de se saber, de se ver, de ouvir o que não deve, de não ser a imagem e semelhança de um Deus que ele nunca viu a cara, de sair do seu ressentimento de si mesmo, de poder se ver como alguém múltiplo e que se faz diferente todos os dias. Ao contrário disto ele segue os padrões e consome o que lhe dizem para consumir! Até porque também o capitalismo lhe põe medo para que ele consuma mais e assim é! O homem se tornou como já disse antes, um ser calculável e premeditado, induzido pela ciência e pela igreja que insistem em introduzir no seu corpo uma sociedade absolvida, consagrada, santificada e possuída, que submerge dentro de uma onda de medo e de subserviência. A noção, renascentista, do *Eu idêntico* a si mesmo é cúmplice das estruturas opressivas! Deleuze diz que “há linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura, linhas de fuga, devires, sem futuro nem passado, sem memória, que resistem ao que é binário, fissuras, rupturas imperceptíveis, que quebram as linhas mesmo que elas retomem noutra parte, saltando por cima dos cortes significantes...”.

Nunca seremos iguais, portanto, não pertencemos a uma classificação que não seja a que nós mesmos marcamos no nosso corpo diante da nossa experimentação da vida. Esta experimentação é plena de situações inesperadas. Não temos como prever o que será de nós depois deste atual instante. Estamos imersos no mundo, habitamos encontros, agenciamentos que nos pedem para perceber o estado das coisas, reconhecer o seu estilo de enunciação, corar-se de intensa humanidade e dar um chega para lá nesse encosto de sociedade que grudou em nós!

Bem, falei da loucura, da história da loucura, falei da sociedade, falei da justiça, do bem, do mal, falei do medo, falei de Artaud, falei do inesperado... nem sei mais o que esperar desta carta! Só o que quero é compartilhar contigo que eu sou muito feliz de ter a Arte em mim e no meu corpo, me guiando! De ter um pensamento artista e encarar a vida como uma obra de arte! O meu olhar em relação à loucura é, e será tenho certeza disso, de admiração, de parceria com ela, porque ela é para mim pura criação e reinvenção de si. A loucura pode ser também doença, mas não para ser combatida e sim, para ser cuidada, para ser olhada em toda a sua singularidade, em todo o seu potencial.

O louco tem algo a dizer sobre si e sobre o mundo, se não conseguirmos compreender isto e continuarmos nesta lógica da perseguição ao proscrito, ao que sai da norma, muitas pessoas morrerão, perderemos muitos Van Gogh's ainda, sedaremos muitos Artaud's e muitos inconscientes cessarão de transbordar.

Desperdiça-se muita beleza neste mundo em prol de muros brancos!

Com arte e poesia,

Carina.



## SEXTA CARTA

### Carta a um médico psiquiatra

Já tem um tempo que busco um médico psiquiatra interlocutor e penso que encontrei em ti esta possibilidade. Depois de te encontrar no dia da luta antimanicomial e quando me perguntaste sobre como era uma atriz trabalhar na saúde mental, senti que era a hora de dialogar. Decidi então, escrever-te.

Guimarães Rosa disse que “a natureza da gente não cabe em nenhuma certeza”, e eu creio que esta frase serve bem para ilustrar o que eu penso em relação a todas as classificações que a loucura já sofreu até hoje.

O homem do conhecimento como bem diz Nietzsche, tem a necessidade de sempre buscar uma apropriação das coisas e da vida em geral, de querer ser sublime e superior em relação aos outros seres na terra. Seu conhecimento sobre o mundo e as coisas é apenas um disfarce da sua moralidade, diz Deleuze no livro *Crítica da Clínica*, no texto *Mistério de Ariadne segundo Nietzsche*; pois faz necessariamente com que o homem viva sob a égide de uma moral que rotula e nomeia tudo o que é justo, bom e verdadeiro no mundo. Ele necessita reconhecer o que encontra no seu caminho, portanto interpreta e representa todo o mundo. O desejo é o de elevar a sua humanidade a um nível de perfeição, de acabamento, a ponto de se tornar ele mesmo o seu próprio Deus e fazer do homem uma potência de afirmação da vida. O seu Deus passa a ser seu humanismo!

No entanto, agindo assim, ele acaba transformando toda a potência que Nietzsche chama de “afirmação da vida” numa caricatura, pois equivocado, acredita que sofrendo, carregando e suportando os fardos que ele mesmo criou, conseguirá afirmar-se, sobrepujar-se perante os outros e perante si mesmo. Vive ressentido e percorre um trajeto um tanto previsível: passa de um ideal ascético, determinado pelo Jesus dos homens bons, a um ideal moral do homem superior e, por último, a um ideal do conhecimento dentro do qual quer sempre prever a vida de modo que seu corpo e seus pensamentos percam a possibilidade de ação e de movimento. Percam, portanto, o ritmo de próprio! Sente-se então com medo a maior parte do tempo e se defende violentando.

Não reconhece as diferenças que há em si mesmo e não se aceita um ser múltiplo, cheio de diferentes possibilidades de ser e de sentir! No entanto, o homem insiste em ter de ser justo e retilíneo, como se o retilíneo existisse... Tendo em vista que uma linha reta levada as últimas consequências irá necessariamente encontrar o próprio início...Tudo na natureza é sinuoso! Inclusive o homem! O resto são clichês perceptivos e delírios de que todos participam do mesmo mundo e são iguais! Nietzsche caracteriza perfeitamente este pensamento quando se refere a um “pensamento de rebanho”, termo este, que Deleuze e Guattari chamarão mais tarde de “subjetividade capitalística”, a qual pretende um povo padronizado e uma constância de desejos que o homem jamais alcançará! A não ser que se volte a instalar um regime político fascista/nazista e que se extermine quem não entre para o clã - o que ainda assim não seria possível, porque alguém sempre acaba matando o ditador; matando o Deus; como já vimos anteriormente e isto, é necessariamente múltiplo, porque possui múltiplos sentidos para as pessoas.

Gosto muito quando Deleuze diz no seu livro *Nietzsche e a Filosofia*, “não existe sequer um acontecimento, um fenômeno, uma palavra, um pensamento cujo sentido não seja múltiplo”. Então, como podemos dizer que alguém é esquizofrênico, e só isto? Psicótico, e só isto? Podemos dizer que um diagnóstico psiquiátrico não é, em algum momento, subjetivo? Ou as fronteiras entre o normal e o anormal são totalmente racionais e científicas quando se trata de transtornos psíquicos? Penso que na maioria das vezes, os diagnósticos não passam de uma invenção moralizante criada a partir de sintomas catalogados em um livro chamado DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o qual, na minha opinião, serve especificamente como um comunicador médico para que se possa afinar o discurso sobre determinado paciente, não deixando dúvidas que o sujeito é **MESMO** um Psicótico, para dar um exemplo apenas.

Quem disse que a loucura não está presente na tua vida? Ou na minha? **Eu sou louca, mas não sou doente!** Acredito que o cérebro constitua e interfira em boa parte do que somos enquanto homens integrantes de uma sociedade, no entanto, o corpo também é parte fundamental do nosso desempenho no mundo. Como diria Fernando Pessoa, “se o coração pensasse, ele pararia”! Pensamento é ação e vejo que muitas pessoas não encaram isto como um fato!

Pensar que hoje na saúde mental ainda exista alguém que acredite ser possível se resolver tudo com medicação, me é assustador! Poucos são os psiquiatras que eu

conheço, e olha que tenho anos de experiência da saúde mental, que se dão conta de que um tratamento mental também está associado a um corpo e que este corpo precisa estar potente para dar conta da sua vida. Muitos remédios psiquiátricos acabam por fazer com que a pessoa durma doze, catorze horas por dia, se movimente devagar e pareça emocionalmente desligada, além de poder ainda ganhar quantidades imensas de peso. Que corpo passa a ser este? Pode-se habitar de uma forma plena um corpo assim?

Lembro agora de uma frase de Jean Paul Sartre: “um homem é o que ele faz com o que fizeram dele”, portanto, me parece muito covarde que não permitamos que um homem possa elaborar sua vida no seu corpo, nos seus gestos. Convenhamos: ninguém é psicótico sempre, nem esquizofrênico e nem depressivo! As pessoas variam seus estados emocionais assim como variam seus desejos e sentimentos. A vida, na sua potência mais orgânica pode atenuar a loucura, pode resignificá-la, reinventá-la até; mas para isto o homem que, em algum momento histórico foi diagnosticado com algum transtorno psíquico, precisa ter o seu corpo pleno para conseguir elaborar-se de outro modo que não o seu diagnóstico. Ele precisa estar consciente de si para saber-se no mundo e em relação aos outros. A contenção pela medicação ou a mudança pelo efeito de um remédio químico pode sim servir num momento de crise, mas não pode manter-se como algo essencial e de praxe na vida do usuário!

Preocupa-me muitíssimo o quanto a psiquiatria passou a adotar os remédios como a saída mais recomendada aos casos de transtornos psíquicos. Claro que aqui no Brasil, ainda não fomos soterrados pelos laboratórios fármacos como nos países da América do Norte, que numa pesquisa realizada pelo Instituto Nacional Americano de Saúde Mental, realizado entre 2001 e 2003 e editada no Brasil pela revista Piauí, edição e número 59, apontam o assustador resultado de que 10% das crianças com menos de seis 6 anos de idade tomam ritalina (!). No entanto, percebo que a psiquiatria em geral, ainda é colocada num lugar de poder, o qual lhe é conferido após aferir um diagnóstico claro, do mal que acomete determinada pessoa.

Convenhamos; quem disse que a loucura, este fenômeno que é tão rarefeito, nebuloso e complexo, pode ser guardado dentro de uma gavetinha com uma plaquinha de identificação na frente? Não será por medo da desmedida, da possibilidade de se perceber múltiplo que o homem cala o outro homem? Quem tem o direito sobre a vida de quem para amarrar alguém quimicamente e com isto tirar-lhe sua liberdade de expressão?

Porque a loucura é a expressão de algo, certo? A loucura vem contar algo, vem demonstrar exatamente que não somos retos, nem enquadráveis, nem diagnosticáveis por completo quando se trata de saúde mental. Estamos atravessados pela vida e isto é absolutamente pleno de surpresas, de inesperados, de acontecimentos - não -previstos.

Fico imaginando o quanto uma mulher que tenha sido abusada sexualmente fica afetada psiquicamente, o quanto o fato a torture diariamente.. No entanto, imediatamente também penso que é sobre este CORPO que temos que interferir para que esta dor, para que este trauma se dissolva, se espalhe, se amplie para de alguma forma se modificar, se transmutar. Não será com remédios apenas que isto acontecerá. Ela precisa ter o seu corpo ativo para só assim poder lidar com o trauma que sofreu.

Não defendo de forma alguma que tenhamos que pensar uma saúde mental sem remédios, não se trata disto! Porém tenho claro que não é a partir de um “livrinho catalogado” que poderemos nos aproximar da loucura e cuidar dela, muito pelo contrário. Acredito num trabalho que seja múltiplo na saúde mental, não que somente cuide do cérebro, mas sim de todo o corpo. Que encare de uma vez por todas o homem como algo complexo em termos de psique e que não tente classificar a loucura de uma forma racional, porque ela não é somente isto!

Vamos conversando cada vez mais e ampliando a comunicação entre nós. Posso, se te interessares, trazer-te algo relacionado com os objetos relacionais da Lygia Clark e também sobre alguns exercícios de Eutonia , que são uma parte do meu repertório de trabalho.

Para encerrar te deixo com mais uma pérola de Guimarães Rosa: “quem castiga nem é Deus... são os avessos”. Sigamos nos encontrando.

Carina.

## SÉTIMA CARTA

### Carta ao meu êxtimo

Em algum lugar de mim, ou em todos os lugares de mim estão as pessoas que eu ainda não conheci e outras que nunca irei conhecer por já estarem mortas! Elas me compõem, são fibras do meu corpo-pensamento, são como sangue entre meus ossos e como moléculas espalhados por todo o meu corpo. Estas pessoas são artistas que em algum momento atravessaram meu corpo e nunca mais saíram de mim, do que eu venho sendo, diariamente.

*Nem Ser, nem Não-ser, Nem ar, Nem terra, nem espaço: o que estava escondido? Onde? Sob a proteção de quem? O que estava por cima e o que, por baixo? Existiam semeadores, existiam poderes: energia embaixo, impulso por cima. Mas quem pode ter certeza?*

Este texto é de Rig Veda e o encontrei no livro *CAOS Terrorismos Poéticos & Outros Crimes Exemplares* de Hakim Bey. Neste livro, Hakim, não cansa de dizer que o caos nunca morreu e sugere que enquanto artistas, sejamos brutais, que assumamos riscos, que vandalizemos o que deve ser destruído, que façamos algo que fique na memória, que as crianças, enfim, possam lembrar!

É fato já conhecido que a arte existe e eterniza, mas o que eu quero defender aqui é que a Arte é para além do seu criador. Posso me tornar outra a partir da minha obra de arte, do meu corpo. A arte está em mim. A arte respira enquanto eu respirar! Minha matéria se torna expressiva, minha carne é gotejada em acordes vibrantes, em palavras ditas na boca de cena ou em imagens construídas na rua. A poesia paira na janela da minha casa, entra quando quer e sugere belezas ao meu ouvido... Sou atingida pelos cheiros e pelo tato. Procuo o espaço exterior aqui dentro de mim, a natureza dentro do meu peito. Eu sou isto ou aquilo? Não importa! Sou o que eu estou sendo e isto e aquilo é aqui e agora, não depois ou além!

Neste momento estou lendo as cartas da Lygia Clark para o Hélio Oiticica e os insights tropicalistas deles, dão um susto na minha mente mítica! Lygia diz que a obra para ela deixou de ser o mais importante e que, o recriar-se através dela é o que lhe é essencial! O *precário* é seu novo conceito: a ação sem antecipação, o inevitável! Temos em Lygia o *momento-acaso* e tudo o que ele pode produzir: sensação, epiderme, baba cósmica...

Para Hélio, “a obra é um cair de boca no mundo! O homem se despe e recomeça para conhecer o sentido realmente aberto das experiências, para se lançar a uma descoberta do dentro”. Os processos de criação para os tropicalistas saem de vez do que é predeterminado e racional para se tornarem processo e totalidade, relação e encontro, composição com o mundo através da ação dos artistas, do que lhes é orgânico e natural - seu desejo! Lygia, dizia em 1965 que percebia *a totalidade do mundo com um ritmo único, global, que se estende de Mozart até os gestos de futebol na praia*. Ela era o antes e o depois da geração dela, o futuro no presente. No texto *O Ato*, ela diz: “Sou o dentro e o fora, o direito e o avesso”.

Quando penso em dentro e fora, direito/avesso, também penso em respiração e, imediatamente, em José Leonilson e a sensação de cheio e vazio que ele produz com as suas obras. Em especial na obra que instala *De bom coração/Da falsa moral*, na qual o artista veste duas cadeiras do século passado instaladas lado a lado no altar da capela do Morumbi em São Paulo, a qual hoje se tornou galeria de arte, com duas camisas brancas que ele mesmo produziu a partir dos tecidos-lençóis do hospital que fora internado, vítima do vírus da AIDS. No bolso de lapela de uma das camisas estava bordado: de bom coração e no bolso de lapela da camisa ao lado estava bordado: da falsa moral. Elas estavam ali, no mesmo altar onde os padres profetizaram um dia a palavra de Deus. Era o casamento da falsa moral com um bom coração? Os homens de bom coração são moralistas? Ou aquilo era só mais uma obra de arte destas que não podemos entender? Quando vi aquelas cadeiras entendi que o meu Deus era aquela obra, que o que eu acreditava até então estava ali emagrecido e iria morrer. Já morri muitas vezes! Ainda morrerei outras tantas! No Teatro se diz que um ator não pára de nascer de novo!

Meu centro é um tabuleiro de dardos, as flechas trazem happenings, performances, poemas românticos e arte conceitual, na qual, Cildo Meireles é o meu

preferido quando diz que “as coisas existem em função do que elas podem provocar neste meu corpo social”. Meu coração é música, o meu caminhar é música, pensamento e movimento. Meu centro é um não centro. É tão somente uma projeção do que me atravessa, projeção do meu devir mundano, do que é múltiplo, do que está em conexão com as forças que existem para além e ao meu redor. Eu fluo entre fluidos.

Eu sou o meu corpo, ele é minha casa, força intensa e intensiva de sentidos e órgãos todos expressivos e latentes, dos quais posso lançar mão (tenho irremovível prazer pelos arremessos!) e fazê-los falar desde que estejam mobilizados e atravessados pelo encontro, pelo acontecimento. Meu dentro é como uma população no deserto, povoando e enchendo-se de surpresas e microorganismos plenos de distintos instintos e afetações. Meus desejos são de expansão, de ganhar cada vez mais espaço para ser, cada vez mais proximidade com a loucura propriamente dita. Mas não com esta loucura doente, e sim, com a loucura que expande, que tem potência de vida, cria e sai às ruas produzindo diferentes linguagens, nuances, estilos.

A arte é uma liberação da vida, já dizia Deleuze em suas conversas com Claire Parnet, uma liberação da força da vida.

Não há arte da morte! Só há arte pela morte!

Quero explodir para integralizar! Quero que de mim se produza blocos de sensação capazes de desmanchar as significações coladas às percepções triviais, pois a arte produz graça, como diz Clarice Lispector, ela faz o corpo ser doce e feroz, o faz irradiar luz e tremer, ser quase bicho de olhos bem abertos e que vêm na escuridão!

Depois de ver alguns originais dos Trípticos de Francis Bacon pela primeira na Oca, em São Paulo, eu saí da galeria e me vi no meio do parque Ibirapuera - foi como se eu pudesse me espalhar na natureza e respirar com ela a descoberta de que se, eu não sou ela, pelo menos quero me entregar a ela. Eu deitei na grama e o meu coração batia e ampliado, como quando uma pedra é lançada num rio e produz auréolas à sua volta na medida em que vai afundando, estas auréolas são como as diferentes oscilações que abalam o indivíduo diariamente e que também me abalaram – estes indivíduos que insistem em ser só centro, ego, e não conseguem enxergar o círculo do qual eles mesmos fazem parte! Não conseguem perceber que se constituem de diferentes individualidades e não de uma única identidade estanque e paralisante. Eu me

transformo em outras, diz a canção do Itamar Assumpção. Tudo é força e tudo está sendo, está em movimento.

Ao ouvir Tom Waits cantando Burma-Shave viver se torna para mim tão envolvente que chego a pensar que Bacon só poderia ouvir Tom Waits para pintar aqueles corpos vazantes, instintivos e encarnados! Deitada na grama do parque eu podia ouvir os pássaros nas folhas das árvores, tudo ali estava compondo um quadro e eu era a figura bem no canto direito deitada na grama coberta de sangue e ossos aparentes. A minha pele estava aberta e ainda hoje posso sentir o arrebatamento das obras de Bacon em mim - como diz Rosane Preciosa, “eu continuo a vazar discretamente pelas rachaduras de meu quarto, procurando inventar linhas desertoras que não cheguem a lugar nenhum monitorável.”

Quero ser o que é inclassificável, o que é líquido e cria linhas de fuga! Quero ser mais esquizo e menos ego. Quero a potência de me perder e me encontrar em mim mesma, neste corpo-mundo, neste corpo-casa. O abraço é o melhor lugar para se estar e o amor pelo meu destino e do que dele ainda é devir é o que me move. Vivo meu corpo, vivo minha posição no espaço, sou pura energia em contato com outras. Sou força criadora e que supera a transcendência, pois sou o que eu experimento e só assim é que vivo: para ser outra a partir do outro. Células e enzimas morrem diariamente dentro de mim para que outras possam nascer, 70% do meu corpo é de água correndo, fluindo breve por entre os órgãos, zonas de intensidade, planos de composições criadores de distintas realidades, sensações e afetos. Sou diferente de todos por mais que insistam em me engessar, em me localizar em algum comportamento e tendência atuais.

Um esquizofrênico é assim, um psicótico assim e um depressivo assim, diz a psiquiatria, sem se dar conta de que se pode até ser num dia esquizofrênico, mas isto não significa que se é esquizofrênico todos os dias restantes! Ninguém é igual enquanto estiver vivo! Tudo muda, tudo se transforma! Quero poder abrir mais espaço em mim e no encontro com o outro. Entrar dentro de um tecido e imprimir minha força contra ele para ter a real noção de qual o espaço que meu corpo ocupa no mundo! Aprender a respirar, e a me relacionar com Lygia Clark! Quero poder desacomodar tudo o que precisa ser desacomodado e começarei por dizer que eu não tenho medo dos loucos, tenho medo dos que se dizem superiores a eles!



Diz Estamira: “eu sou perturbada e lúcida! Eu sei distinguir a perturbação, entendeu como é que é? A câmara natural não me faz mal é a artificial que faz mal um bocado! Os cientistas, determinados ‘trocadilos’, eles conseguem! O cientista tem um medidor que controla o controle remoto, eles viraram Deus! Agora tem o registrador de pensamento também, você já viu? Puxa vida, você não viu? É a mesma coisa que aquele: eletro esfariograma, mesma coisa!”

A vida como algo que deve ser controlado e classificado pode ser o desejo de um robô, mas não pode ser o desejo de um homem!

O meu não é, seguramente!

## OITAVA CARTA

### Carta à Marlene Dietrich

Tomei três taças de vinho e a tarde desce suave... A solidão em tardes de sábado é um tanto rejuvenescedor!

Keith Jarret soando atrás e a fumaça do cigarro insistindo em deixar a tela do computador nebulosa, plena de entalhos dentro em mim e confusa em expressá-los todos.

Convivo com a distância. Várias distâncias diferentes: da minha família, dos meus melhores amigos e neste momento inclusive do meu gato que foi para a veterinária, acometido por um resfriado!

Dou uma guinada quando estou em meio às leituras dirigidas e extasio em assimilar todas as teorias que constituem o meu tão esperado objeto. O meu objeto de detalha(mente)o. Que tanto já mudou e agora parece clarear-se mais e mais! Sou eu que evoluí e não preciso de mais ninguém, ou são os outros que de uma vez por todas me deixaram sozinha para elaborar o que de mim eu fiz até agora?

Não importa! Momento lindo o da descoberta! As janelas parecem ampliar indefinidamente o têsão em apenas ser assim - sozinha numa tarde de sábado lotada de associações e conexões possíveis! Meu coração é como um rio - flui, emerge, submerge e reinventa possibilidades reais, em sonho real! Reinvento o existir e já não tenho limitações! Estou à espreita! Posso qualquer coisa desde que tenha no meu canto a singeleza de um bem-te-vi e a sua capacidade de territorializar!

Estou livre de convulsões e empalideço diante da trajetória equívoca. Sorrio só de lembrar daquela queda no pub e do gramado com cinzeiro.. Hoje eu recolhi todos os restos de cigarro do jardim e freqüentei os espaços mais livres em mim - preenchi de música ligeira e meditativa!

Ontem estive sob as luzes de néon, dançando electro como quem voa! Hoje estou entre Ravi Shankar e Rebecca Pan - ligeira e dinâmica despreensão em ser uma!

Sou, apenas, estou sendo! Suspiro de energia movimentada em mim!

Agora silêncio, porque todas as bandas estão em mim! Silêncio porque o futuro começa aqui (sem tom de clichê na leitura, por favor, leitor)! Silêncio porque já não tenho previsões muito menos provisões! Silêncio, porque tem um cavalo pastando na grama do meu jardim sem celas, e eu?

Eu, meu caro...posso voar! Vida é sonho! Sonho é destino! Dobro a esquina e junto-me ao mar... sou parte do todo - estou em cena!

Que seja doce e eterno!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Clarissa. *Corpoalíngua performance e esquizoanálise*. Curitiba: Editora CVR, 2011.

ARTAUD, Antonin. *Textos 1923-1946*. Trad. Hugo Acevedo. Buenos Aires: Ediciones Caldeón, 1972.

ARTAUD, Antonin. *Van Gogh, O Suicídio pela Sociedade*. Rio de Janeiro: Achiamé: 2ª edição S/d

ARTAUD, Antonin. *Escritos de Antonin Artaud*. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: Editora L&PM, 1983.

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BEY, Hakim. *Caos. Terrorismo Poético & Outros Crimes Exemplares*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

BOLLEME, Geneviève. *O povo por escrito*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOLSANELLO, Débora P. *Em Pleno Corpo. Educação Somática, Movimento e Saúde*. Curitiba: Juruá, 2008.

CLARK, Lygia; OITICICA, Hélio. *Cartas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles; *Lógica da Sensação*. Trad. Roberto Machado: Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol 1. São Paulo: Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol 3. São Paulo: Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol 4. São Paulo: Editora 34, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol 5. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad Luiz B.L. Orlandi: São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1993.

- FOUCAULT, Michael. *História da Loucura*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GOLDBERG, RoseLee. *A Arte da Performance. Do Futurismo ao Presente*. Trad. Percival Panzoldo de Carvalho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GOMEZ – PEÑA, Guillermo. *Em Defesa da Arte da Performance*. In Revista Marte Nº3. São Paulo.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LEMINSKI, Paulo. *Catatau*: Porto Alegre: Editora Sulina, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARTE, Revista Nº 3. *De que Estamos Falando Quando Falamos de Performance*.
- MEIRELES, Cildo. Coleção Encontros. Organização Felipe Scovino. Rio de Janeiro: Beco do Azogue Editorial, 2009.
- MELLON, Nancy. *Corpo em Equilíbrio*. São Paulo: Cultrix, 2010.
- NAFFAH NETO, Alfredo. *Outr'em-mim ensaios, crônicas, entrevistas*. São Paulo: Plexus Editora, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de Potência*. Trad. Mário D. Ferreira Santos. São Paulo. Editora Ediouro, S/d
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PELBART, Peter Pal. *Da Clausura do Fora Ao Fora da Clausura*. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- PRECIOSA, Rosane. *Rumores Discretos da Subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina da UFRGS, 2010.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade. 1989.
- ROTELLI, Franco. *Desinstitucionalização*. Organização Fernanda Nicácio. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.